

WILLIAN SAROYAN: REPORTE A ASSÍRIOS E ARMÊNIOS

*Yêda de Moraes Camargo**

Resumo: Willian Saroyan, descendente armênio, autor de contos que se passam na depressão dos anos de guerra (1930-40) nos Estados Unidos. O trabalho demonstra Saroyan ser anarquista, humanista, imigrante. Ele valoriza o ser humano.

Palavras-chave: Saroyan, humanista, anarquista, contos.

INTRODUÇÃO

Willian Saroyan era de naturalidade norte-americana, possuía família armênia e denominava-se um ser-imigrante, considerando, como ele dizia, que, em suas veias, jorrava sangue armênio. Foi romancista, dramaturgo e contista.

Este estudo abarcou certas obras de Saroyan, com o objetivo de perceber, por meio de seus escritos, as indicações de armenidade constituídas em seus relatos, devido ao não-comentário em família acerca do passado. Portanto, hábitos, costumes, identificações, maneiras, e outras características voltadas a comentários quanto a armênios e assírios, quaisquer que sejam eles, Saroyan menciona-os em algumas de suas histórias. Observou-se, também, uma obra destinada ao povo assírio.¹

* A autora é Profª Assistente do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/USP

¹ Assíria: reino da antiga Ásia, ao lado do curso médio do Tigre. A Assíria teve por capital Assur, Calá e Nínive. Os seus primeiros soberanos conhecidos viveram no séc. XXI a.C.: foram tributários da Babilônia e, depois, ligaram-se aos hititas e aos mitanianos. Foi nos começos do séc. XIII que o centro da gravidade do país passou, com Salmanasar I, de Assur a Calá. Este novo período, a que pertenceram principalmente Teglá-Falasar I, Assur-Natsirapla II, Salmanasar II, terminou em 745 a.C., ano do advento de Teglá-Falasar III. Então começou um período muito brilhante de expansão, com Sargão II (722-705) o qual fundou o célebre palácio de Dur-Sarruquim, perto de

Foram verificados os contos, com observância nos comentários do autor e nas relações existentes entre o momento vivenciado americano e as lembranças assírias ou armênias transmitidas por meio de seus personagens. Foram comentadas as obras de Saroyan que mencionam essa relação. Em busca desses aspectos, as demais obras, ora citadas, não apresentam registros armênios.

É importante salientar que as histórias, às vezes, têm um final estranho, ou talvez sem graça aos nossos olhos. Mas, aos dos armênios, os pequenos detalhes significam marcas, embrenhadas em si mesmos, constituindo valores diferenciados, de chiste próprio.

○ ASSÍRIO E OUTRAS HISTÓRIAS

Saroyan acredita que “*O assírio*” é, provavelmente, a história menos efetiva como arte de todas as histórias citadas, mas à que ele tinha mais necessidade de escrever... nem tanto pelo que a história consegue alcançar, mas por aquilo que ela não pode menosprezar, segundo transcrição do autor.²

“The Assyrian” conta a viagem de um escritor, Paulo Scott, a Lisboa. Durante o breve tempo que passou em Portugal, ele lembrou aspectos de sua vida, relacionando a seus muitos contatos, às inúmeras conversas e aos acontecimentos corriqueiros. Esse curto tempo, em Lisboa, predispsu sua filosofia de vida.

Scott não teve grande sucesso na vida conjugal – três casamentos fracassados e quatro filhos. Ele amava todos os filhos, e a favorita era Rosey,

Nínive, Senaquerib, Asaradão, Assurbanipal. Este dois estenderam a sua influência até o Egito, no séc. VII. O reino assírio sucumbiu em 602-609 sob o ataque dos Medos e dos Babilônios. As inscrições cuneiformes fizeram-nos conhecer a história assíria, a partir do séc. XIX antes da nossa era.

² “Only one story in this collection takes a real chance: The Assyrian. It is also probably the least effective of the lot as art. Still, I must think of it as the one I most needed to write, and the one most likely to satisfy the reader, not so much by what it achieves, for it achieves nothing, but by what it is unable to neglect”. (p. 13-4)

uma menina de três anos, contudo, ele sabia que a tinha perdido também. Amava, inclusive, as esposas perdidas, de acordo com suas afirmações.³

Scott era americano, de origem escocesa (parte de pai) e assírio (parte da mãe). Ele tinha uma certa preferência pelo lado da família maternal.⁴

Algumas características e peculiaridades de P. Scott:

1. fatalismo;⁵
2. premonição de morte súbita;⁶
3. egoísmo;⁷

³ "Fell asleep on the airplane for about two minutes and dreamed Rosey wept. Picked her up and said, "Listen, little girl, Papa loves you, but he can't do anything for you. Nobody can do anything for anybody." Rosey was the man's daughter by his third wife. He had a son by his first, a son and daughter by his second, and Rosey, He loved them all, each of the children and each of his lost wives, but the three-year-old Rosey ravaged his soul. He hated to think he had lost her too, but he knew he had. (p. 42)

⁴ The longer he'd lived the more he'd become acquainted with the Assyrian side, the old side, the tired side, the impatient and wise side, the side he had never suspected existed in himself until he was thirteen and had begun to be a man It was then that he had learned to speak the strange and almost impossible language, staying at the homes of his mother's relatives, listening with them to the phonograph records of the songs of the old country – the songs of all the peoples of that part of the world – singing the songs, speaking the language as if it were a secret shared by only a handful of people miraculously salvaged out of an extinct race. Even his skin began to grow dark when he became a man, and he encouraged his cousins to call him by his Assyrian name, Belus Alahabad, and he began to understand how superior he must be to most other people in that his very race was finished and had no need to clamour for irrelevant rights of any kind. (p. 45-6)

⁵ p. 42. idem 2.

⁶ He had always known the end would catch up with him suddenly. It had caught up suddenly with his father at the age of thirty-seven. It had caught up suddenly with a first-cousin who had been only seventeen, a fellow on his mother's side of the family he had met for the first time in the pathetic deathbed in the wretched hospital in the ridiculous town in the San Joaquin Valley. It had caught up suddenly with his father's younger brother at thirty. It had always caught up suddenly with both sides of the family, the Scotch side and the Assyrian side, and now he knew it was suddenly catchin up with him. (p. 45)

⁷ "... remembering how incredibly long he had managed to keep himself alive".

He had always been his own best friend, and he had always had compassion and charity and humour for himself, the stranger, the impostor whose integrity was finally unassailable. (p. 44) He knew he didn't care about anybody else in the world, not even Rosey if the truth were told, he cared only about himself, and always had. (p. 46)

4. dúvidas sobre a existência da amizade;⁸
5. não-conformismo;
6. reconhecimento de que nada acontece por acaso;⁹
7. anarquismo;¹⁰
8. contraposição ao capitalismo selvagem.

A característica de Scott mais veemente era a de ser contra o capitalismo selvagem, estar avesso à grande influência da mídia, das igrejas e de outras entidades e/ou governos que tentam enganar o povo e não resolvem os problemas dos homens.

“O Assírio” deixou transparecer de forma intensa essas características de Paul Scott, comentando-as. A história mostrou uma incoerência em sua vida: ser um jogador incorrigível nos cassinos, onde tudo ocorre por acaso. Neste caso, não aprofunda as explicações, sendo que o desenrolar do texto não emerge para informações concretas como justificativas. Subentende-se a ocorrência da incoerência entre o acaso e o programado.

No final da narração, ele decide, de repente, viajar para leste, na Assíria. Antes de viajar, ele se sente mal e um médico o aconselha a não viajar; mas, doente e com uma premonição de uma morte súbita, ele consegue

⁸ It was for all his friends to be with him all right, but he couldn't remember any. He must make a friend. He must find time to make a friend. He must find time to make a friend. He owed it to himself to make a friend. He had heard a lot about friendship, he had once or twice read Emerson's essay about it, but he had never quite managed to run into one. It was probably because the Assyrian side of him just naturally didn't believe in it. 'How does anybody have a friend?' he asked himself. 'And how does he know he's got him?' 'How far could a man test a friend's friendship and still not be unworthy of it? Why should anybody else's friend unless it was all very polite and safe, and if it was all very polite and safe, how could it be friendship?

⁹ The afternoon of the syphilis lecture at the Y.M.C.³, for instance, he and Packey, the pugilist, had agreed to race the length of the pool three times for a dime. He hadn't had any lunvh – he had never bothered very much about eating when something had taken over his mind, such as swimming – and on the last lap of the race there had been nothing left in him by which to keep going. He was at that moment in water twelve feet deep. Small boys were swimming past and around him, and he was drowning, but refused to lift his voice. Packey got out of the water to establish having won the race, laughing proudly and not noticing that he had gone under, once and was goin again. (p. 61-2)

¹⁰ "I'm an anarchist". (p. 83)

embarcar. Quando o avião decola, ele pensa: "Escapei novamente", seguindo seu rumo.

O outro conto "*A horta de salsa*" narra a história de um rapaz de treze ou quatorze anos, filho de imigrantes na América (U.S.A.), que reflete sobre momentos engraçados e, outros, de pouca tristeza, como o autor caracteriza. Contudo, não traz nenhum aspecto citado a respeito da Armênia ou Assíria.

Já em "*O estudante de Teologia*", o autor relata que encontrou estudantes de Teologia nos escritores russos como Tolstoy, Dostoevski, Chekhov, Andreyev e Gorki. Nas obras destes mestres russos, o estudante de Teologia apresenta-se como um sujeito estranho, quase incompreensível. Querendo saber a mais sobre o estudo de Teologia, o autor foi à biblioteca da cidade de Fresno, Califórnia (U.S.A.) para retirar alguns livros dessa área. Ao voltar para casa, ele encontrou um homem e eles foram andar juntos. O homem estava fraco, muito doente e caiu no chão. O escritor parou um carro e pediu ajuda para levar o tal homem até o hospital. O homem foi levado para a sala de emergência, e estava carregando um dos livros que o escritor havia solicitado o empréstimo à biblioteca. Depois de aguardar um pouco no hospital, o escritor dirigiu-se para casa. Quando chegou a casa, ele encontrou toda a sua família reunida: avós, tios, tias, primos e primas que vieram de todas as partes da cidade. Um velho tio gritou: "Eu disse que era um engano. Ele está aqui".

Depois, a mãe do escritor perguntou: "Por que eles chegaram aqui numa ambulância e avisaram que você morreu?". Todos falaram que estavam preocupados com a notícia da morte dele. Um dos tios perguntou quantos anos o escritor tinha. Ele respondeu que tinha quatorze anos. Então, o tio quis saber por que o pessoal do hospital disse que ele (o escritor) tinha vinte e sete anos e tinha morrido. O escritor contou a história do senhor que ele levou ao hospital e que o tal homem ficou com o livro da biblioteca, contendo o cartão com o nome e endereço do escritor. O cartão de uma biblioteca é um documento de valor para um leitor, assim como um passaporte é documento fundamental para um viajante. Lá, no hospital, ele tentou conseguir o seu livro de volta, porém os funcionários de lá disseram-lhe

que aquele homem que havia morrido dissera a eles que o livro era dele mesmo e, então, o hospital iria devolvê-lo à biblioteca. A complicação existente ocorre devido à supereficiência americana.

Depois que a maioria dos parentes voltaram cada um para sua própria casa, dois velhos – o avô e um tio – começaram a discutir. O avô quis saber por que o menino (o escritor) freqüentemente se envolvia em confusões e complicações. O tio respondeu e o menino reconheceu: ele era um *armênio*. O avô disse que tal pensamento era ridículo.¹¹ Ele cita alguns povos ou nações que têm coisas para fazer e, logo depois, pergunta “o que os *armênios* têm?” O tio respondeu que os armênios têm maneiras. O vó disse: “Você está louco?” Não tem nada de anormal ser um *armênio* polido.¹² O velho tio disse: “Eu não disse boas maneiras. O *armênio* tem maneiras e jeitos. O *armênio* tem certos comportamentos e muito pouco de qualquer outra coisa.

Após ter lido um pouco do livro de Teologia, o rapaz ainda não tinha uma idéia certa sobre Teologia.¹³

Mais tarde, falando com o tio dele, o escritor chegou à conclusão que o velho tio era provavelmente o melhor dos estudantes de Teologia.^{14 15}

OUTROS CONTOS

Nos contos *The Plot*, *The Foreigner*, *The Poet a home*, *The Third day after christmas*, *The Pheasant Hunter*, *The Cornet Players*, *The Cocktail Party*, *The Leaf Thief*, não há referência sobre armênios ou assírios.

Será citado, a seguir, um dos livros de Saroyan em que informações armênias são apresentadas, de uma “maneira armênia”.

¹¹ ‘Armenians’. My uncle Khosrove said quickly. ‘Could anything be more ridiculous?’

¹² ‘Are you mad?’ the old man said. ‘Nothing is so unnatural as a polite Armenian’.

¹³ ‘I’m not sure, but he seemed to say that everything is not enough’.

¹⁴ ‘Matter is beautiful only in its imperfections. Only blockheads seek perfection, which is death. Let perfection seek you. You needn’t seek it’.

¹⁵ ‘I wondered if my uncle Khosrove was not just about the best theological student of them all’.

THE DARING YOUNG MAN ON THE FLYING TRAPEZE AND OTHERS STORIES

Este outro livro oferece poucas referências e as existentes são irrelevantes no que tange à Armênia, à Assíria, à Turquia ou a outras localidades do Oriente Médio. Muitas histórias neste livro contam as dificuldades, os preconceitos e os problemas encontrados pelos imigrantes recém-chegados nos EUA, nos anos de grande depressão (1930-1940).

Muitas destas histórias mostram algumas facetas da “filosofia da vida” do autor, mas sem referências estreitas com a cultura, influência ou tradições das terras ou povos que originalmente eram dos lugares além do Euphrates.

Em “Setenta mil Assírios”, ele fala da situação difícil no EE.UU. em 1933: o desemprego, a falta de dinheiro, o desespero, etc. Foram a sorte ou azar de milhões de pessoas, juntamente a jovens e aos menos preparados que devem enfrentar um sistema de capitalismo selvagem. O autor, um armênio, foi até uma escola de barbearia onde podia cortar os cabelos de graça. Esperando a vez dele, tentou calcular quantos **armênios** ainda existiam no mundo. A conclusão é que deveria existir mais ou menos um milhão de **armênios** no mundo. Chegando a vez dele para cortar os cabelos, descobriu que o aluno barbeiro era um jovem **assírio**. Os dois jovens começaram a falar da Armênia e da Assíria, às quais apareceram no cenário do mundo na mesma época – as duas eram grandes nações, mas hoje não têm no mundo a importância e influência que tiveram antes da dominação por outros povos e antes do quase extermínio da Armênia por outros invasores, segundo o jovem assírio, como professava sua visão de mundo, justificando, assim o título da história.

Nos contos “The snake”; “Love”, “Death”, “Sacrifice”; “1-2-3-4-5-6-7-8”; “The Earth”, “Day”, “Night”, “Self”; “The man with French Post Cards”; “And Man”; “Seventeen”; “Laughter”; “War”; “Harry”; “A Curved Line” não ocorre referência sobre **armênios** e **assírios**.

A história sobre “Big Valley Vineyard” mostra algumas observações de vida no mundo capitalista, referindo-se aos costumes e tradição da Armênia. O título “O Grande Vale Vinhedo” refere-se a um lugar no estado da Califórnia, EUA, onde havia atividades de vinicultura.

O tempo registrado era o da primeira Guerra Mundial – uma época de prosperidade antes da grande depressão. A terra fértil do vale foi uma esperança para os vinicultores, assim como para as pessoas que trabalhavam nos vinhedos. Na primavera, quando as videiras estavam verdes, refletiam com muita vida, havia festivais de armênios que trabalhavam no “vale vinhedo” ou moravam por perto. Eles iam até os vinhedos para conseguir algumas folhas tenras dos vinhedos. Para o **armênio**, a folha é a comida, a alimentação e, em cada primavera, o **armênio**, em qualquer lugar onde estiver, deveria comer as folhas de vinhedo. Colher as folhas é importante para o **armênio**, pois tem o sabor da Armênia: símbolo de lealdade.

Em muitos outros contos, como: “A Cold Day”; “The Big Tree Coming”; “Dear GRETA GARBO”; “Among the Lost”; “Three Stories”; “Aspirin is a Member of the NRA”; “Sleep in Unheavenly Peace”; “Fight your own war”; “Common Prayer”; “The Shepherd’s Daughter” nada foi encontrado no que diz respeito ao nosso objetivo.

Percebe-se que as histórias anteriores transmitem uma narração alegórica em que o avô dele as transmite ao escritor. Uma das fábulas é a da Pérsia e a moral é a que cada pessoa deve ter um ofício, deve saber fazer alguma coisa que reverta numa utilidade, que possa ser vista, que possa ser tocada. A referida fábula não valorizou o fato de que ele é um escritor. Considera-se, portanto, que a mentalidade dele seja mais oriental que ocidental, ou seja, não há valorização do ato de escrever como utilidade para a humanidade, dentro dos padrões considerados nesta história.

Em “Myself upon the earth”, a meu ver, é mais um ensaio (essay) do que um conto ou uma história. Nesse ensaio, Saroyan expôs alguns de seus pontos de vista em relação à profissão de escritor e à filosofia da vida. Lendo-o, o leitor facilmente poderá sentir a grande influência que o pai de Saroyan teve em sua vida, em suas obras e em seu comportamento.

Como um escritor, Saroyan quer preservar a sua identidade. Ele não acredita em fama. Ele diz que não é capaz de esmagar uma mosca, ou ofender os sentimentos de qualquer pessoa, seja idiota ou gênio, mas não pode resistir à tentação de fazer pouco de qualquer lei cuja finalidade é controlar o espírito de homem.

Em toda sua vida, Saroyan sofreu muita influência de seu pai. Este morreu quando Saroyan era criança, havendo, portanto, pouco contato entre eles, contudo “o velho” deixou-lhe um jornal ou diário. Por esse diário, Saroyan chegou a conhecer e amar, até venerar muito o querido pai. Na **Armênia**, o pai dele era um homem honrado, um professor. Era chamado “AGHA”, que significa “LORDE”. Infelizmente, ele era também um revolucionário, como todos os bons **armênios**. Ele preferiu a liberdade para o seu povo. Devido às suas idéias, foi preso algumas vezes. Finalmente, chegou à conclusão que deveria sair do país. Se não, seria um assassino.

O pai de Saroyan foi para New York onde ele, “um lorde”, trabalhou anos como zelador num prédio. Assim, conseguiu economizar algum dinheiro e trazer a família a New York. Depois, ele e a família foram para a Califórnia e, por um determinado tempo, a vida melhorou.

O “velho” comprou terras e tentou o ramo da agricultura, contudo, ele não era um bom agricultor. Ele era um homem de livros, um professor. Ele era humilde, honesto, íntegro e não gostava de máquinas e nem do progresso. Para ele, a maior invenção de todos os tempos era o **HOMEM**. Portanto, em sua compreensão o homem sim é que tinha importância. E não o progresso.

As obras **The human comedy** e **A secret story** não ofereceram contribuições específicas para o objetivo deste artigo.

CONCLUSÃO

Willian Saroyan, dizem, não lia e nem escrevia em armênio, contudo, perseguiu-lhe a idéia, em passagens vagas nos seus contos, o resgate histórico de um povo que, para ele, era revestido em mistério. Por quê? O que não se podia falar? Por que querer esquecer o passado? O mistério continuou. O registro dos poucos encontros com expressões, ora soltas pelos pais, foram trazidas para suas histórias: era, na verdade, o seu modo de marcar na História, demonstrando a importância que seu povo produzia em sua vida.

BIBLIOGRAFIA

- ARLEN, M. J. *Passagem para Ararat*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- KEROUZIAN, Y. O. "O povo armênio e sua evolução histórica". In: *Revista de História*, XXVIII (58), FFLCH/USP, abril/junho, 1964.
- LYNCH, H. F. B. *Armenia – Travels and Studies*. Londres: [s.n.], 2 v., 1901.
- NERCESSIAN, S. Der. *Os armênios*. Lisboa: Editorial Verbo, 1973.
- SAINT-MARTIN, J. *Mémoires historiques et géographiques sur l'Arménien*. Paris: [s.n.], 1819.
- SAROYAN, W. *The daring young man on the flying trapeze and other stories*. London: Faber and Faber, 1935.
- _____. *The assyrian*. (Collection of British and American authors, new series, 109). Stuttgart: Tauchnitz, 1952.
- _____. *The human comedy*. New York: Dell, 1971.
- _____. *A secret story* (original title: The laughing matter). New York: Popular library, 1959.

Abstract: Willian Saroyan, armenian descent, author of short stories set in the depression and war years of the 1930's – 40's in the USA. His works show him to be: anarchist, humanist, immigrant. His attention always go to human being.

Keywords: Saroyan, humanist, anarchist, short stories.